IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÕES SOBRE OS POVOS GUARANI FALANTES DO *RIO DE LA PLATA* E DA *CORDILLERA CHIRIGUANA* NO SÉCULO XVI.

IMAGINARY AND REPRESENTATIONS ABOUT THE GUARANI PEOPLE SPEAKERS OF THE *RIO DE LA PLATA* AND *CORDILLERA CHIRIGUANA* IN THE XVI CENTURY.

Protásio Paulo Langer[1]

RESUMO: No presente estudo analisamos as representações sobre os povos guarani falantes contatados pelas frentes de conquista rioplatense, de um lado, e andina, de outro. Nossas fontes são crônicas, cartas e documentos de caráter político-administrativo, produzidos no século XVI, que discorrem sobre os costumes, o modo de ser e os atributos morais dos povos genericamente denominados *Guarani* ou *Carios*, pela frente rioplatense, e *Chiriguanas*, pelos conquistadores andinos. No âmbito espaço/temporal buscamos seguir o itinerário da frente andina que, desde a conquista do império Inca, em 1532, avançou gradativamente rumo às fronteiras orientais do *Tahuantinsuyu* e que por volta de 1542 se defrontou com os *Chiriguanas*. Do mesmo modo observamos a trajetória da frente platina que, após 12 anos de expedições no circuito do *Rio de la Plata*, cruza o Chaco e se depara com grupos guarani falantes estabelecidos na cordilheira andina e também com conquistadores espanhóis provenientes do Peru. A partir das fontes de uma e outra frente de conquista interessa analisar as tramas contextuais e as representações que, por vezes, evocam os povos guarani falantes como parceiros leais, abastados e generosos e, por outras, como arquétipos da selvageria e barbárie.

Palavras Chave: representações, povos indígenas guarani falantes, frentes de conquista

ABSTRACT: This study analyzes the representations of the Guarani people speakers contacted in the Plata River conquest fronts, on the one hand, and the Andean on the other. Our sources are chronicles, letters and political-administrative documents produced in the sixteenth century, who discourse about the customs, the way of being and the moral attributes of people generically called Guarani or Carios, by the Plata River front, and Chiriguanas, by the Andean conquerors . In the space / time scope we seek to follow the route of the Andean front, that since the conquest of the Inca empire in 1532, gradually moved towards the eastern borders of Tahuantinsuyu and around 1542 was faced with Chiriguanas. In the same way we observed the trajectory in the Plata River front, after 12 years of expeditions in the Rio de la Plata circuit, crosses the Chaco and faces Guarani groups speakers established in the Andean mountain range and with Spanish conquistadors from Peru. From one and another source of conquest front is interests to analyze the contextual plots and the representations, that sometimes, evoke Guarani people speakers as loyal partners, wealthy and generous, and for others, as the savagery and barbarism archetypes.

Key Words: representations, Guarani indigenous people speakers, conquest fronts.

[1] Docente do Programa de Pós Graduação em História (PPGH), e do Curso de Graduação em História da Faculdade de Ciências Humana (FCH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: protasiolanger@ufgd.edu.br

INTRODUÇÃO

Quando surgiram os primeiros relatos sobre os seres do Novo Mundo, no imaginário ocidental europeu, o "homem selvagem" já possuía um extenso *curriculum vitae* que vinha sendo construído desde a antiguidade greco-romana, passando pelo medievo, até o renascimento. Tal como na Grécia Antiga e na Europa Medieval os selvagens da América do século XVI eram representados em dois polos antagônicos: "De um lado, eram seres (ou povos) violentos e cruéis; de outro, eram selvagens, no sentido de silvestres, mas justos, sábios e bondosos" (WOORTMANN, 1997, p. 6). No decorrer do presente trabalho buscamos observar como os povos guarani falantes podiam ser representados, ora com matizes idílicos ora com manchas infamantes e, a depender das circunstâncias e demandas coloniais, podiam portar atributos ambíguos.

No período da conquista e colonização da América do Sul, os povos indígenas guarani falantes do Paraguai Colonial – ou Rio da Prata – e os da *Cordillera Chiriguana*[2], nos contrafortes orientais da cordilheira andina (atual Bolívia), protagonizaram intrincados modos de lidar com os conquistadores espanhóis que, no século XVI, adentravam seus domínios em busca dos metais preciosos, no "mediterrâneo" sul-americano. Diversos escritores e autoridades coloniais, a depender do contexto histórico-geográfico em que se encontravam, manifestaram ora seu entusiasmo, ora sua perplexidade pessimista em relação aos povos ligados a essa família linguística estabelecidos em vastas e distintas regiões do centro-sul da América Meridional.

Num primeiro momento, focamos os discursos sobre as experiências de conquista da frente platina (*asunceña*) que, entre 1537 e 1560, interage com diversas parcialidades guarani situadas às margens da bacia do Rio da Prata para, finalmente, alcançar o grupo mais ocidental; os *Chiriguanaes* ou *Carios de la sierra* (Irala, 1555). Num segundo momento, buscamos analisar as representações da frente peruana que, além de conhecer a tradição oral da elite inca, a partir de 1540 passou a ter contatos intensos com os *Chiriguanaes*. Num terceiro momento observamos como, a partir de 1560, fatores de natureza político-

[2] A *Cordillera chiriguana* era um "[…] vasto territorio de unos 100.000 Km^2 ocupado por los Chiriguano y que formaba una unidad geográfica entre la fisiografía de piedemonte y subandino. Era un território desconocido y marginal, llamado por los cronistas jesuitas 'Mediterráneo de la América Austral'" PIFARRÉ, Francisco. *Historia de un pueblo*. La Paz: Ed. CIPCA, 1989, p. 37. Atualmente o território outrora conhecido como *Cordillera chiriguana* está dividido em três departamentos bolivianos: Santa Cruz (provincia Cordillera), Chuquisaca e Tarija.

administrativa e levantes indígenas, tanto no Paraguai quanto nos confins do Gran Chaco e imediações da Cordilheira, tendem a aproximar e fazer coincidir as representações de uma e outra frente de conquista/colonização acerca dos povos guarani falantes do sul da América do Sul.

Alguns aspectos e temas suscitados no presente artigo são familiares à historiografia rioplatense na medida em que tangem os estudos de etnologia e história guarani, num sentido amplo. Os trabalhos de Julien (1997) e de Combés (2013) inspiram e estimulam o aprofundamento de abordagens comparativas entre as referidas frentes de conquista face aos povos indígenas. Nesse sentido, nosso trabalho pretende ser ao mesmo tempo um adensamento desses debates existentes e uma abordagem original no concernente à análise interpretativa e comparativa das fontes.

A FRENTE PLATINA E OS PRIMEIROS REGISTROS REPRESENTATIVOS DOS GUARANI FALANTES

Dentre os agentes que efetivamente participaram da conquista do Rio da Prata, que "etnografaram" diversos grupos guarani falantes e que registraram o *modus operandi* das expedições espanholas frente aos diversos grupos indígenas situados nas suas rotas, a aplicação de atributos ambíguos a uma mesma etnia é um aspecto a ser considerado. No primeiro documento no qual aparece uma referência clara aos Guarani (*guarenis*), Luiz Ramírez[3] (1528) descreve esse grupo como corsários, traidores e comedores de carne humana; não obstante os declara amigos.

> Aqui con nosotros está otra generacion que son nuestros amigos, los cuales se llaman guarenis y por otro nonbre chandris. Estos andan derramados por esta tierra y por otras muchas, como corsarios, a causa de ser enemigos de todas estas otras naciones y de otras muchas que adelante diré. Son gente muy traidora, todo lo que hacen es con traición. Estos señorean gran parte de esta India y confinan con los que habitan en la sierra. Estos traen mucho metal de oro y plata en muchas planchas y orejeras y en achas, con que cortan la montana para senbrar. Estos comen carne humana (RAMÍREZ, [1528] 2007, p. 51).

[3] A *Carta de Luis Ramírez a su padre desde el Brasil* está datada em 10 de julho de 1528. Juan Francisco Maura que fez uma contextualização histórica, uma transcrição paleográfica e uma versão atualizada da *Carta* apresenta-a como obra chave para entender o processo de conquista da América do Sul e pioneira entre as crônicas do Rio da PRata e do Brasil na "[...] nomenclatura de grupos indígenas, fauna, flora, así como de algunos de sus utensilios utilizados por estos grupos". RAMÍREZ, Luís. *Carta de Luis Ramírez a seu pai desde o Brasil (1528)*. Introdução, edição, transcrição e notas: Juan Francisco Maura. **Lemir** (Departamento de Filología Hispânica da Universidade de Valencia), <http://parnaseo.uv.es/Lemir/Textos/Ramirez.pdf> 2007. p. 7

No imaginário da antiguidade clássica e da Europa medieval e renascentista comer carne humana era uma conduta associada a povos bárbaros, depravados e bestiais. Ramírez, porém, apenas menciona, e sequer considera sinistro esse costume dos seus amigos *guarenis.* Postura semelhante percebe-se nas crônicas de Ulrich Schmidel[4] e do governador [adelantado] Alvar Nuñes Cabeza de Vaca. Para ambos, o fato de os povos de fala guarani comerem carne humana, não escandaliza. A abundância de alimentos, entre o povo *Cario*[5], por exemplo, impactou mais positivamente, que o "canibalismo[6]" negativamente. Outros aspectos da realidade rioplatense, tais como a paisagem, a fisionomia e outros costumes, são representados com tal apreço que diluem a "barbaridade" dessa prática.

O roteiro da descrição etnológica do capítulo XX, "*Los pueblos carios*", da crônica de Schmidel, oferece um parâmetro que ilustra a ordem de importância dos temas. No primeiro parágrafo, o autor faz um louvor à fartura de alimentos; no segundo, aborda sucintamente a extensão das terras, o porte físico, o adorno labial, a nudez e o valor "comercial" das mulheres; no terceiro parágrafo, mais breve que os dois anteriores, Schmidel fala da antropofagia:

> […] y llegamos a una otra nación, llamada *Caríes* (Caríos), […] allí Dios, él que todo lo puede, nos dio su santa bendición, porque estos *carios* tenían *trigo turco* o *meys* (maíz) y manndeochade (mandioca), *padades* (batatas), *manndeos perroy, mandeporre, manduris* (manduvís), *vackgekhue*, también pescado y carne, ciervos y chanchos del monte, avestruces, ovejas de la tierra (guanacos), conejillos, gallinas y gansos; también tienen miel, de la que se hace vino, en mucha abundancia, *iten* hay muchísimo algodón en la tierra.
> […] son hombres petizos y gruesos […] los varones tienen en el labio un agujero pequeño en el que meten un cristal amarillo […]. Esta gente,

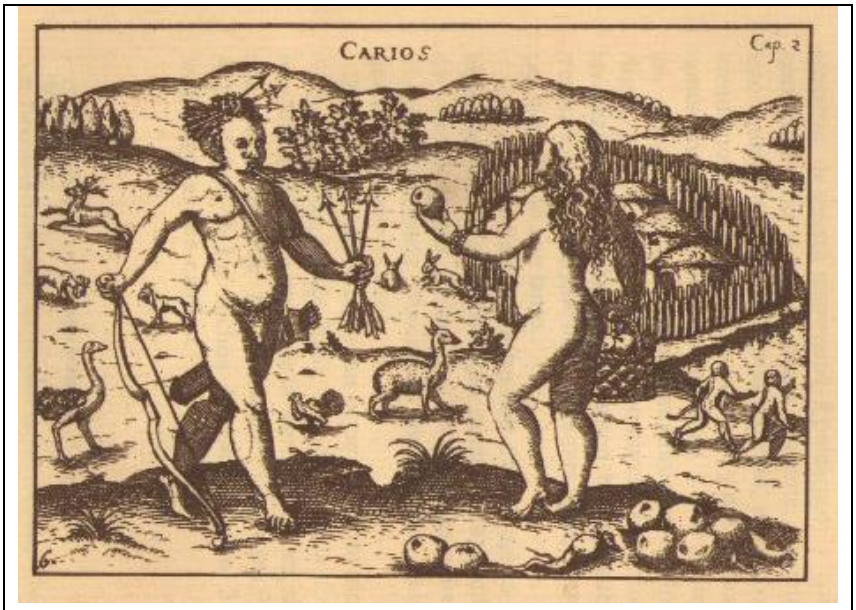
[4] Ulrich Schmídel foi um mercenário alemão (bávaro) que integrou a expedição de Mendoza para a fundação de uma colônia no Rio da Prata e ao longo de 14 anos atuou em várias expedições em busca de fabulosas riquezas. SCHMÍDEL, Ulrich. [1567] Viaje al Río de la Plata. Notas bibliográficas y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires: Cabaut y Cía., Editores, 1903.

[5] *Cario* era a designação de um grupo guarani falante assentado no lugar onde seria fundada a cidade de Assunção. No século XVI *Cario* tornou-se sinônimo de guarani, de uso tão abrangente, que referia tanto os grupos do litoral sul do Brasil (Carijós), quanto os da cordilheira andina, designados Carios de la sierra, por Irala em 1555. A esse respeito vale a pena consultar: COMBÈS, Isabelle. *Diccionario étnico: Santa Cruz la Vieja y su entorno en el Siglo XVI*. Cochabamba: Itinerarios/Instituto de Misionología. 2010.

[6] Como detalhou Todorv (1996, p.30) a palavra canibal surgiu dos fracassos comunicativos de Cristovão Colombo quando, nas Antilhas, ouve o substantivo *Caribes* e pensa ter ouvido Canibas. Na hermenêutica do genovês, Canibas seria um povo dotado de cabeça canina e devorador de carne humana. Dessa operação mental surgiu a palavra Canibal e suas variantes. Assim que Colombo instituiu essa significação a literatura e a iconografia sobre o *Novo Mundo* passaram a difundir intensamente imagens de *Caribes – Caribas, Canibalis, Canibais –* estraçalhando corpos humanos em alusão à barbárie e aos costumes execráveis dos povos indígenas, num sentido genérico.

> hombres y mujeres, andan en cueros vivos, tal como Dios los echó al mundo […].
> Estos *carios* también comen carne humana, cuando se ofrece, es decir, cuando pelean y toman algún enemigo, sea hombre o mujer, y como se ceban los chanchos en Alemania, así ceban ellos a los prisioneros […] (SCHMÍDEL, [1567] 1903, p. 171-172).

Há que se destacar que a maioria nas gravuras que ilustram as crônicas quinhentistas do litoral do Brasil os grupos antropófagos são predominantemente representados com feições demoníacas estraçalhando corpos humanos para serem devorados em festas sinistras, como bem observou Raminelli[7]. Porém, na crônica de Schmidel, editada por Levinus Hulsisus, os *Cario* aparecem num cenário edênico que remete à infância da humanidade. Na ilustração do editor, um "casal primordial", de contornos anatômicos renascentistas, desfruta do jardim da "divina abundância". Nem no texto e tampouco na imagem, há qualquer alusão ao selvagem cruel.



SCHMIDEL, Ulrich. Vera historia, admirandae cuiusdam nauigationis, quam Huldericus Schmidel, Straubingensis, ab Anno 1534. usque ad annum 1554 [...] NORIBERGAE. Impensis Levini Hulsij. 1599 – p. 24

No entanto, Luis G. Assis Kalil (2008, p. 73) observou que Schmidel trabalha com as mesmas categorias mentais que Todorov havia observado em Cristovão Colombo e em quase todos os cronistas do *Novo Mundo.* Tal como a maioria, Schmidel classifica os grupos

[7] RAMINELLI, R. J. *Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha à Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996

indígenas em dois pólos antagônicos: *bons selvagens* ou *cães imundos. Bons selvagens* eram aqueles que estabeleciam relações de cooperação, de auxílio e de trocas comerciais com os espanhóis. Os *Cario*, devido à aliança que protagonizaram com os espanhóis para debelar outros grupos tradicionalmente inimigos, mesmo comendo carne humana, eram bem-vistos por Schmidel. Porém, aqueles indígenas que "preparavam emboscadas contra as expedições, fugiam de seus povoados, queimavam seus alimentos, ou ainda, rompiam as alianças que haviam estabelecido com os europeus" (KALIL, 2008, p.75), passam a ser descritos como de *falso coração,* traidores, enganadores e cães famintos, *perros rabiosos*. Nessa categoria figuravam os inimigos dos grupos Guarani, sobretudo os Agaces, Mbayas e Payaguas que infligiam severos reveses às expedições cario-espanholas. Nenhum desses grupos foi descrito como canibal. Todavia, eram eles os verdadeiros bárbaros, os "cães imundos" de Schmidel.

Alvar Nuñes Cabeza de Vaca, em sua viagem por terra da ilha de Santa Catarina até Assunção, produziu uma passagem emblemática em que, num só parágrafo, combina a amenidade e fertilidade da terra, a abundância agrícola, a domesticidade e a amizade aos cristãos com a antropofagia:

> En todo este camino y tierra por donde iba el gobernador y su gente haciendo el descubrimiento, hay grandes campiñas de tierras, y muy buenas aguas, ríos arroyos y fuentes, y arboledas y sombra, y la más fértil tierra del mundo, muy aparejada para labrar y criar y mucha parte de ella para ingenios de azúcar y tierra de mucha caza, y la gente que vive en ella de la generación de los guaraníes; **comen carne humana**, y todos son labradores y criadores de patos y gallinas y **toda gente muy doméstica y amiga de cristianos**; y que con poco trabajo vernán [sic] en conoscimiento [sic] de nuestra santa fe católica, como se ha visto por experiencia [grifos nossos] (CABEZA DE VACA, 1858. p.555)

Essa justaposição de imagens em que bons selvagens comem carne humana e habitam terras deleitosas é incomum e paradoxal no imaginário ocidental acerca do "homem selvagem". No imaginário da antiguidade e do medievo os antropófagos habitariam regiões inóspitas, não praticavam a agricultura, comiam carne crua e tinham aversão a contatos amistosos (WOORTMANN, 2000, p. 13-59). Porém, nem Schmidel nem Cabeça de Vaca, em suas narrativas etnológicas, circunscreveram os guarani falantes com esse caráter. Também não manifestaram repulsas e tampouco associaram o hábito de comer carne humana com selvageria. Ao contrário, esses grupos, cuja produtividade agrícola redimiu a colonização espanhola, eram tidos por domésticos e a um passo de se tornarem excelentes cristãos.

Mais adiante, exercendo a governança de Assunção, Cabeza de Vaca teria reunido os indígenas para admoestá-los a deixarem de comer carne humana pelo *"grave pecado y ofensa que en ello hacían a Dios"* (CABEZA DE VACA, 1858, p. 558.). Por outro lado, acusa Irala, e seus sequazes, de terem dado *"licencia para que* [os Carios] *matasen y comiesen a los indios enemigos de ellos"* (CABEZA DE VACA, 1858, p. 594.). As palavras mais severas que o governador proferiu contra esse costume foram as seguintes: *"cosa tan contra el servicio de Dios y de su Majestad, y tan aborrecible a todos cuanto lo oyeren"*. Todavia, essa sentença foi dirigida aos adversários políticos que, segundo o governador, consentiam essa prática. Pero Hernandes, secretário de Cabeza de Vaca, vai mais longe e acusa os partidários de Irala de tomarem a iniciativa de oferecerem festas antropofágicas a seus aliados Cario:

> Preso el Gobernador [Cabeza de Vaca] Domingo de Irala é los oficiales an dado licencias á los Indios principales naturales de esta tierra, siendo cristianos que comiesen carne humana, matando en su casa Indios enemigos suyos. Gonzalo de Mendoza, pidió licencia para Tinbuay su suegro é mató un agaz é vinieron á comello mas de dos mil Indios (HERNANDEZ, Pero. [1545] In: SCHMÍDEL, 1903).

Ainda que Cabeza de Vaca e Pero Hernandes tenham se pronunciado contra e denunciado seus oponentes políticos por consentirem e participarem desses "aborrecíveis" eventos, nenhum cronista rioplatense, dentre a primeira geração de conquistadores, denota escândalo ou profere impropérios contra os grupos guarani falantes e seus costumes. No contexto das disputas políticas rioplatenses, a culpa pelo execrável costume de comer carne humana recaía sobre um ou outro caudilho espanhol, pois os inimigos de Cabeza de Vaca imputavam a ele as mesmas acusações. Seus adversários políticos, além de incriminá-lo por extorsões e arbitrariedades, acusaram-no de prender indígenas inimigos e oferecê-los aos indígenas amigos para que fossem devorados:

> […] çiertos indios de los que llaman *agaçes* tomaron dos índias de las que servian á los chripstianos que estaban en una roça; y enojado desto, el gobernador envió a llamar al prinçipal *Abacoteo* de los dichos agaçes; el qual, por estar enfermo de un ojo, no pudo yr, y envió en su lugar dos hijos suyos y otros indios mançebos, para saber lo que mandaba Cabeça de Vaca. El qual llegados, los hizo prender é hizo poner á unos en poder de **los indios caribes, nuestros amigos, para que los matassen y comiesen, como lo hiçieron** [grifo nosso] (FERNANDEZ DE OVIEDO 1852, p. 205)

Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, que coletou e registrou as acusações acima, não esqueceu de esclarecer que seus informantes (Martín de Orúe e Garci Venegas) eram:

"[…] émulos y enemigos notorios del dicho gobernador Cabeza de Vaca" (FERNANDEZ DE OVIEDO, 1852, p. 207). Nesses discursos, percebe-se que a prática da antropofagia não depreciava os guarani, e sim dois grupos políticos liderados por caudilhos espanhóis – Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e Domingo Martínez Irala - que se acusavam, reciprocamente, de compactuarem com ela.

Irala foi, por certo, o conquistador mais emblemático do Rio da Prata. Nas quatro cartas/relatórios de sua autoria (redigidas em 1541; 1543; 1545 e 1555) não se encontra qualquer referência a indígenas que comem carne humana. Seu silêncio, a esse respeite, permite diversas conjecturas. A mais plausível é que Irala era um conquistador de tal modo entusiasmado com os Cario que, em certos aspectos, tornou-se um deles. Bernand/Gruzinski explicam que o conquistador biscainho "desposou dezenas de moças guaranis. Caciques de todo o país lhe ofereceram mulheres à guisa de alianças [...]. Irala e seus companheiros procriaram um número tão grande de filhos que passou a se dirigir aos índios dos arredores de Asunción tratando-os por *tobayá,* 'cunhados'" (BERNAND; GRUZINSKI. 2006, p. 525)[8].

Na perspectiva do conquistador, diante das vicissitudes do instável povoamento do Rio da Prata, não convinha abordar "pormenores" desimportantes para a consolidação desse empreendimento. No excerto a seguir, que trata da transferência da população de Buenos Aires para Assunção, Irala (1541) enaltece a tal ponto os valores e benefícios fornecidos pelos *guaranys* ou *caryos,* aos conquistadores, que neutraliza os costumes que, para a cristandade, eram perversos (antropofagia, poligamia, nudez e pinturas corporais). Tais costumes sequer foram mencionados; supostamente por serem irrelevantes:

> […] los yndios guaranys sy quiercaryos q. biben treynta leguas alrredor de aquel puerto los quales ps. ven a los xpianos asy con sus p. sonas como con sus mugeres en todas las cosas del servycio necesaryas y an dando para el servycio de los xpianos setecientas mugeres para q. les syrvan en sus casas y en las rroças por el travajo de las quales y porque Dios ha sido servycio dello pncipalmente se tiene tanto abundancia de mas servycio q. no solo ay para la gente q. ally rreside mas para mas de otros tres mill ombres encima. Siempre que se quiere hazer alguna guerra van en nuestra companya mill yndios en sus canoas, e sy por tierra los queremos llevar llevamos los mas [393] que queremos con el ayuda de dios y con el servycio destos yndios avemos

[8] A esse respeito cabe destacar que os consórcios entre conquistadores espanhóis e mulheres guarani constituíram um sistema que se tornou conhecido como *cuñadazgo*. Ao colocar a parentela indígena a disposição dos cunhados brancos esse sistema fundamentou a colonização espanhola do Paraguai. Para Cecilia Martínez a raiz do conflito entre o grupo de Irala versus Cabeza de Vaca está no sistema integracionista (constituído por alianças conjugais interétnicas) de Irala que o legalismo de Cabeza de Vaca pretendia reprimir. (MARTÍNEZ, 2012, p. 39).

> destruydo muchas generaciones de otros yndios que no han sido amigos specialmente á las agazes (IRALA, [1541]. IN: SCHMÍDEL, 1903. t. 2: p. 299-302)

Para o aumento da produção agrícola, para os serviços na guerra e na paz, para prover com mulheres aos conquistadores espanhóis e para o aumento da natalidade mestiça, os grupos guarani falantes eram aliados preferenciais. Além da intimidade carnal com os Cario das redondezas de Assunção, Irala teve contato "político" com as mais diversas parcialidades guarani, da bacia do Prata, do Gran Chaco e, nos anos 1547-1548, sua expedição alcançou os guarani da cordilheira andina. Essa foi a primeira jornada rioplatense bem sucedida no intuito de cruzar o Gran Chaco e chegar às proximidades das riquezas andinas e retornar a Assunção. Além de encontrar espanhóis oriundos do Peru, Irala conheceu os *Carios de la Sierra* (IRALA, In: SCHMÍDEL, 1903. p. 171-172.), grupos guarani falantes situados nas proximidades da atual cidade de Santa Cruz de la Sierra, região conhecida como *cordillera chiriguana*.

Extensamente aparentado com os grupos guarani do Paraguai, Irala não propôs distinções etnológicas entre uns e outros. O fato de ter chegado até os *Carios de la sierra* representava a possibilidade de ampliação do seu leque de alianças e o acesso às "*grandes riquezas de oro, gran señor y poblaçiones*" (IRALA, [1555]. IN: SCHMÍDEL, 1903) que os grupos guarani da cordilheira noticiavam. O apagamento de singularidades étnicas e a construção de blocos supostamente homogêneos (nações, *generaciones*), portanto, não foi obra apenas dos missionários que produziam gramáticas e "línguas gerais". Na lógica da conquista, o êxito da assimilação da diversidade indígena dependia da habilidade de encobrimento e dissimulação das singularidades linguísticas e simbólicas. Para os conquistadores do Rio da Prata, os *Carios de la sierra*, ainda não eram os terríveis *Chiriguanas* que poucas décadas mais tarde surgem nas crônicas andinas e em seguida, também nas platinas, como emblema máximo de canibalismo e barbárie. Eram apenas mais um grupo da mesma *generación* que os do Paraguai; afinal, eram guarani falantes.

Logo após a morte de Irala, em 1556, Jayme Rasquín[9] pretende sucedê-lo na governança do Rio da Prata. Para tal, apresenta ao rei uma relação do estado político daquela província, das providências que deviam ser tomadas atinentes à fundação de novos

[9] Na crônica de Cabeza de Vaca, Jaime Rasquim figura como um dos sublevados que teve participação direta na prisão do cronista governador ao lhe apontar uma ballesta (besta ou balestra) com um flecha envenenada no peito. (CABEZA DE VACA, Cap. LXXIV)

assentamentos espanhóis e, ao finalizar, e promete executar as medidas propostas caso ele e seus herdeiros recebam *merced de la gouernacion de la tierra*. Esse documento é o primeiro da frente paraguaia que se refere aos grupos guarani da cordilheira com uma denominação tipicamente andina.

> […] y enmedio destas dos prouinçias [*gorogotoquis* e *Las Charcas*] estan vnos yndios que en la prouinçia del Peru los llaman chiliguanas y en nuestra prouinçia los llaman guaranis; el prouecho que desta poblaçion se puede seguir es que estos chiliguanas, que por otro nombre se dizen guaranis, son gente aduenediza en aquellas partes que se pasaron en tiempos pasados de la prouinçia del Paraguay[10] donde nosotros residimos; y sabemos y te*nemos noticia dellos mismos que, sabiendo como* saben que sus deudos han resçebido la fee de nuestro señor Jesuschristo, desean tambien resçebirla, lo qual seria grand seruiçio de Nuestro Señor (RASQUÍN, [1557] In JULIEN, 2008, p. 43).

Vale notar que as notícias de Rasquín se inserem no rol das experiências do Rio da Prata, onde os Guarani são reputados como aliados dos espanhóis. Logo, sua expectativa em relação aos Guarani lindeiros a Charcas é otimista e propositiva. No contexto de disputa política entre dois vetores da conquista em expansão – o paraguaio e o peruano – Rasquín vislumbra proveitos e projetos para inserir essa população nas instituições coloniais paraguaias. Seguindo a linha dos conquistadores platinos, os *Cario* e os *Chiliguanas* são similares, o que sugere uma continuidade, uma articulação histórica e etnológica, da *cordillera chiriguana*, com o Paraguai. Nestes termos Rasquín se apresenta como um conquistador familiarizado com a realidade étnica e geográfica que pretende governar. O parentesco dos grupos guarani, de lá e de cá, garantiria a reedição ou a ampliação da aliança cario-espanhola. Da analogia etnológica, nos termos aventados, o autor infere a aplicação de processos de colonização paralelos; uma espécie de contágio religioso, que converteria os *Chiliguanas*, pois estes desejavam receber a fé, tal como seus parentes do Paraguai.

Além dos grandes serviços a Jesus Cristo, que receberia um tesouro de almas, com a mercê de governador da Província do Rio da Prata, a conquista dos *Chiliguanas* resultaria também em tesouros materiais para Sua Majestade:

[10] Nos relatos coloniais e na historiografia rioplatense em geral, o conjunto de informações acima – recém chegados, adventícios, procedentes do Paraguai, parentes dos Carió [as vezes conotando uma colônia ou uma extensão dos Carió] – é recorrente e fundamenta-se em diversos testemunhos contemporâneos da conquista (Ver Ruy Díaz de Guzmán, p. 16; Barco Centenera, Canto Primeiro). Estudos arqueológicos recentes sugerem que as migrações dos guarani rumo à cordilheira são bem mais antigas e complexas do que as datas indicadas pelas fontes platinas e andinas. (Martti Pärssinen, 2005)

> […] y fuera deste, tan gran bien [a conversão] que se haria porque desta arte dexarian de comer carne humana, que es de lo que ellos viuen, y hazen guerra a los comarcanos por ventura; como son tan vezinos de la prouinçia del Peru, descubririan y darian alguna notiçia de minas y otras riqueças della, de lo qual Su Magestad podria ser seruido y aquella tierra como es la del Peru; y si acontesçiese lo que Dios no quiera, que en la prouinçia del Peru huuiese algun motim o rebellion, como ha hauido en tiempos pasados, hecha esta poblaçion […], podria Su Magestad poner […] por ella la cantidad de gente que fuese neçesaria para la paçificaçion de la tierra […] (RASQUÍN, [1557] In: JULIEN, 2008, p. 43)

Como já foi dito, o costume de comer carne humana não espantou nenhum escritor/conquistador platino. Rasquín argumentava que sua experiência entre guarani do Paraguai o credenciava para converter e interditar esse costume aos guarani da *Cordillera Chiriguana*. Em sua perspectiva e propaganda, a conquista e conversão dos *chiliguanas* era plenamente viável e Sua Magestade seria servida de muita riqueza e serviços.

Porém, nesse memorial há uma afirmação inédita entre os colonizadores *rio platenses:* quando o autor afirma que "*dexarian de comer carne humana,* ***que es de lo que ellos viuen****"* [grifo nosso] está dizendo que a dieta principal dos Guarani é carne humana. Até então, nenhum documento rioplatense havia feito semelhante asserção. Além de usar um etnônimo de origem andina para referir os grupos guarani falantes da cordilheira, parece que Rasquín busca afinar seu discurso ao dos espanhóis provenientes do Peru. Estes, como indicamos adiante, retratavam os Guarani da *Cordillera* como canibais selvagens que vivem de carne humana.

Rasquín havia solicitado governar o Rio da Prata, território que, pelo seu memorial, incluiria o litoral sul do Brasil e a *Cordilleira Chiriguana*. Todavia, foi Nuflo de Cháves – que chegou ao Paraguai acompanhando a expedição de Cabeza de Vaca e que, na contenda entre os bandos rivais, se alinhou ao grupo de Irala[11] – quem consolidou a conquista do atual oriente boliviano e obteve do vice-rei do Peru a governança sobre uma nova unidade jurídico/política chamada *província y governación de los Mojos*. Combés destaca que Cháves construiu um valioso "currículo" de expedições e fundações entre Assunção e Lima:

[11] Martínez perscrutou as expedições de conquista, as práticas coloniais em relação aos grupos guarani falantes e o alinhamento político de Nuflo de Chávez. Baseada numa minuciosa análise documental, Martínez afirma que Chávez tomou partido nas disputas entre alvaristas (Alvar N. Cabeza de Vaca) e iralistas e "[...] sobre esa base construyó una forma particular de vincularse con los nativos, que adoptaría en otros contextos". MARTÍNEZ Cecilia, op. cit. 2012, p. 50.

> En 1557, Ñuflo de Cháves volvió a salir de Asunción hasta el Pantanal, y de ahí al oeste. En 1559 fundó sobre el río Guapay, probablemente sobre la orilla derecha, la ciudad de La Nueva Asunción, también conocida como la primera ciudad de La Barranca. De nuevo, problemas de jurisdicción territorial esperan a los conquistadores de Asunción, esta vez a través de un célebre encuentro entre Cháves y Andrés Manso quien, llegado desde Charcas, ya había empezado a poblar "en Quiricota", es decir en los llanos de Grigotá, por el río Guapay.
> A raíz de este encuentro, Cháves viajó por segunda vez a Lima de donde volvió, en 1560, con el título de "teniente general de la provincia de Mojos"; […]. A su vuelta de Perú, en febrero de 1561, Cháves fundó Santa Cruz de la Sierra. Poco después, en 1564, realizó un último viaje hacia Asunción, para traer a su familia y más pobladores a la nueva ciudad (COMBÈS, 2011, p. 58).

O confronto entre Chávez e Andrés Manso, dois caudilhos plasmados em dissímeis experiências de conquista, encerra uma discordância de paradigmas quanto à interação e inserção dos povos guarani falantes ao regime colonial hispânico. Alguns documentos acerca dessa disputa oferecem elementos interessantes para perceber como um e outro representavam e operavam em relação aos referidos grupos.

Seguindo a tradição dos primeiros conquistadores *rioplatenses* as expedições de Chávez também eram compostas por centenas ou milhares de guarani falantes, aliados desde a década de 1530. Em sua *Memória y rresuluçion,* expressa satisfação cada vez que, em seu itinerário, encontra grupos guarani falantes. Com estes sempre obteve guias e contingente humano que se agregava à expedição que seguia em busca de riquezas. Os excertos a seguir expressam seu *modus operandi* e suas expectativas sobre os *Chiriguanas* (com esse etnônimo, Chávez, que escrevia para as autoridades de Lima, se refere a todos os guarani falantes). Subindo o Rio Paraguai:

> […] llegose a vn pueblo de los chiriguanas, los quales vinieron en demanda del capitan Nuflo de Chaues; dieron larga rrelaçion de la tierra; [...]
> [...] aviendo conformidad en los naturales y afirmando las riquezas desta notiçia que se pretende hasta llegar a vnos pueblos de chiriguanas <u>que avra çiento y treinta léguas por despoblados</u> [entre renglones y tachado] amigos, dexando toda la tierra, asi en los pueblos y partes donde salieron de paz como en las partes donde salieron de guerra, en paz y concordia, y en nombre de Su Magestad, la tierra paçifica; estos chiriguanas enteraron mas en las rriquezas de la tierra […]; dixeron que ellos pondrian al capitán en la tierra rrica […] (*Memoria y rresuliçion* […][1560]. JULIEN, 2008, p. 53)

Segundo o relato, num *"pueblo de los chiriguanas*" (provavelmente itatines do médio/alto Rio Paraguai) Chávez teve notícias de *Chiriguanas* estabelecidos a mais ou menos

800 km "*por despoblados"* (isto é, na transição do Chaco com a cordilheira andina). Chegando até eles foi recebido como amigo e obteve convincentes notícias sobre as riquezas que demandava. Ao longo do percurso, afirma ter deixado em paz e amizade os grupos guarani falantes e pacificado aqueles que inicialmente se mostraram hostis aos espanhóis. O método de pacificação que Chávez propõe aos *Chiriguanas da Cordillera* simboliza a convicção de que, os termos sócio-antropológicos da aliança Hispano-Guarani, implementados no Paraguai, eram também viáveis e consistentes para inserir esse grupo ao marco do sistema colonial. No excerto a seguir, relatando o serviço que prestou no ano de 1547, quando se dirigiu ao Peru pela primeira vez, Cháves afirma que aplicou o sistema integracionista do *cuñadazgo* aos Chiriguanas da *Cordillera*:

> […] y en el camino, auiendo allado toda la gente chirigoana de la cordil[l]era de guer[r]a y que se comian todas las fronteras y repartimientos de don Pedro de Portugal y Martin de Almendras y capitán Juan Ortiz de Çarate y los chichas y sus fronteras, lo sujeto todo y puso de paz; y saco a los caçiques al Peru y los hizo dar sus hijas a los vecinos para que tuviesen la paz con ellos, la qual han guardado y conseruado asta oy . (CHAVEZ [1561]; JULIEN, 2008, p. 71).

Ou seja, ao narrar seus feitos, Chávez assevera que os "*chirigoanas"*, em guerra com indígenas circunvizinhos, súditos dos conquistadores estabelecidos em Charcas, foram por ele pacificados ao obrigar os caciques a darem suas filhas aos espanhóis para que ambas as partes se tornassem parentes. Desse modo, o *cuñadazgo* praticado por Irala e seus contemporâneos no Paraguai teria se mostrado viável e propício aos Guarani da Cordilheira. Assim como Rasquin, Nuflo Chávez também se coloca na posição de quem conhece e sabe como integrá-los e torná-los úteis ao contexto colonial. Ciente de que estavam em guerra e que comiam carne humana, Chávez não os vitupera e tampouco os representa como inimigos ou "cães imundos". Assim, tal como para os demais conquistadores rioplatenses, também para Nuflo de Chávez os grupos guarani falantes de qualquer parcialidade ou procedência eram sinônimo de possíveis aliados.

Por outro lado, Chávez reservou os insultos mais carregados aos *tapuy miri*[12] que, situados ao oeste do Rio Paraguai, foram um flagelo para suas expedições que, a partir do

[12] No *Dicionário étnico* Combés (2010, p. 280) observa que Tapuy miri era o: "nombre dado por los guarani-hablantes ('chiriguanaes') al grupo de los *tovasicocis*. Fue traducido casi literalmente al castellano como 'chiquitos' (miri: 'pequeño')[...]", em virtude das casas pequenas que habitavam.

pantanal, rumavam à cordilheira. Em suas guerras usavam uma arma química altamente letal (flechas com peçonha extraída de ervas) muitíssimo temida pelos espanhóis e outros grupos indígenas. Por dominarem essa tecnologia bélica peculiar foram, frequentemente, apelidados como "señores de yerua"; "jente belicosa de yerua y muchas mañas" (*Resolución de los casos* [...] [1561]; JULIEN, 2008, p. 110). A sentença de Chávez sobre os *tapuy miri* é a mais contundente: "gente rrebelde, diabólica, comedores de carne humana[13] (*Memoria y resolución [...]* [1560] JULIEN, 2008 p. 54).

OS CHIRIGUANAS E AS FONTES DA FRENTE ANDINA

As fontes quinhentistas da frente de conquista andina que permitem certas aproximações às representações inca e, sobretudo, hispano andinas acerca dos grupos guarani falantes, do intermédio Chaco/Cordilheira, são copiosas; todavia, são heterogêneas quanto ao gênero e à densidade da informação.

Para o escritor/historiador boliviano Enrique Finot (1891–1952) as primeiras as primeiras expedições hispano-andinas ao Chaco, vindas de Charcas, teriam sido planejadas para afastar o perigo Chiriguana que "[...] en Charcas era gravísimo y hacía necesarias medidas enérgicas para alejarlo"(FINOT, 1939. p. 102). A primeira expedição teria sido de Diego de Rojas, em 1538, que após cruzar a *Cordillera* alcançou o Rio Pilcomayo e chegou a Tucumán. "[...] no encontró a los Chiriguanas, quizá porque desvió la ruta."(FINOT, 1939. p. 103).Todavia, os documentos que Finot comenta indicam que essa expedição buscava, primordialmente, cruzar o Chaco para conectar o Peru ao Mar do Norte (Oceano Atlântico), via Rio da Prata. Os documentos que Finot apresenta não respaldam a hipótese de que uma das finalidades da expedição de Diego de Rojas fosse combater e afastar os *Chiriguanas* de Charcas.

Dentre os cronistas, o primeiro hispano andino a mencionar os *chiriguanes* foi Pedro Cieza de León. Esse autor chegou ao Peru em 1547, em meio à rebelião de Gonzalo Pizarro contra a coroa e se incorporou ao exército realista do governador Pedro de la Gasca que, naquele mesmo ano, sufocou a rebelião. Em seguida viajou pelo Peru chegando até Charcas, província fronteiriça à *Cordillera Chiriguana*. Ao longo de três anos, viajou pelo Peru,

[13] Combés (2010, p. 297) assegura que: "El canibalismo de los tovasicocis no está confirmado, pero si el uso de flechas envenenadas que llegaban a matar un hombre en 24 horas".

coletando documentos oficiais, ouvindo e registrando relatos orais sobre o Peru pré-hispânico e sobre a conquista espanhola e a subsequente guerra civil.

Para o historiador Franklin Pease (1939-1999), Cieza de León escreveu a primeira crônica que buscou uma concepção integral da história do Perú, desde os tempos mais remotos que podia alcançar. No ano de 1553 Cieza de León publicou a primeira parte da sua obra e no ano seguinte: "[…] al fallecer en Sevilla en 1554, Cieza tenía algo más de 30 años y había escrito seis volúmenes de una larga y detallada historia que nominó, al uso de sus tiempos *Crónica del Perú*, título que abarcaba la totalidad de su obra, […]"(PEASE, In: CIEZA DE LEÓN, [1553], 2005. p. x.). A segunda parte, em que figura um dos mais antigos registros escritos das representações da elite inca acerca dos "bárbaros e belicosos" povos das terras baixas, entre eles os *Chiriguanes*, permaneceu inédita até o século XIX.

Na crônica de Cieza de León as menções aos *chiriguanes* estão sempre relacionadas à tensões e hostilidades fronteiriças. Ao tratar da função militar dos *mitimaes* (pessoas deslocadas do seu lugar de origem para servirem ao Estado Inca), instalados em regiões vulneráveis do império para guarnecer as fronteiras, o cronista registra um conjunto emblemático de informações e adjetivos que, nas crônicas subsequentes, será aplicado quase como sinônimo de Chiriguanas.

> Para el segundo efecto que los mitimaes se pusieron fue porque los indios de las fronteras de los Andes, como son chunchos y moxos y **chiriguanes**, que los más de ellos tienen sus tierras a la parte de Levante a la de caída de las sierras, y son **gentes bárbaras y muy belicosos**, y muchos de ellos **comen carne humana**, y muchas veces salieron a dar guerra a los naturales de acá y les **destruyeron sus campos y pueblos**, llevando presos los que de ellos podían para comérselos; para remedio de esto había en muchas partes capitanías y guarniciones ordinarias en las cuales estaban algunos orejones [grifo nosso] (CIEZA DE LEÓN 1880, p. 86-87).

Assim, os *chiriguanes,* oriundos das terras baixas (*Levante, a la de caída de las sierras*), são representados como *bárbaros* e *belicosos* que destroem os campos e povoados dos súditos do Inca e que fazem guerras com o intuito de obterem prisioneiros para deles se alimentarem. Ao longo do século XVI, XVII e XVIII esse quadro "etnográfico" será "reeditado" e inflado por diversos escritores e administradores espanhóis. Outro tema sobre os Chiriguanas, que Cieza de León registrou, refere-se aos malogros que infligidos aos exércitos do imperador *Guaynacapa.* Em visita às províncias mais distantes do seu reino, *Villa de Plata*

e *Tucumán,* este soberano: "envió capitanes con gente a guerrear a los chiriguanes; mas no les fue bien porque volvieron huyendo" (CIEZA DE LEÓN, 1880, p. 238).

Possivelmente esse conjunto de informações propiciado por Cieza de León expressa, de maneira sintética, as representações "etnológicas" da elite inca que supunha ocupar o topo da hierarquia humana e civilizacional. Os povos que atacavam seus súditos nas fronteiras e impunham fragorosos reveses às milícias imperiais são representados ocupando o posto mais ínfimo da categoria humana.

Em termos de conquista e colonização as ações mais efetivas da frente andina para povoar a confluência Chaco/*Cordillera Chiriguana* iniciam quando o vice-rei do Peru, Marques de Cañete envia o Capitão Andrés Manso para debelar e estabelecer *encomiendas*[14] entre os Chiriguanaes com o intento de povoar seus territórios e proteger outros índios já *encomendados*.

> Teniendo días pasados noticias de un pedazo de tierra que está á las espaldas de la Villa de La Plata, de la otra parte de una cordillera, que está poblada de unos indios que se dicen **Chiriguanaes, gente belicosa y guerrera**, é que hazían mucho daño á los naturales que están junto á la dicha cordillera, de las encomiendas de los vecinos de la villa de La Plata, y á los que están de la otra parte, **é que recogían los que podían para los engordar é comer é matar**, acordé, porque se escusasen estos daños y encombenientes, de ynviar allá al Capitán Andrés Manso […] [grifo nosso] (*CARTA DEL VIRREY, […]* In: MUJÍA, 1914. p 26).

Vale destacar que da crônica De Cieza de León à carta do vice-rei a caracterização dos *Chiriguanas* é similar: gente bárbara, belicosa, que causa dano a outros povos a serviço do Inca ou dos espanhóis e que comem carne humana. Andrés Manso buscou cumprir o compromisso de remediar os mencionados danos, atribuindo cédulas de *encomiendas* a um tal Sancho Verdugo que recebeu cinco *pueblos,* com seus onze caciques "[...] que son de la lengua Copores y Coniches y Chanes" e o *pueblo* de "[…] Zaype, chiriguanes, ques en la cordillera con el caçique Curaybi; con todos sus yndios caçiques y prinsypales a el sujetos" (*Encomiendas hechas por Andrés Manso* [1563]. In: JULIEN, 2008, p. 41-44).

No quesito alianças e apoios estratégicos, Andrés Manso fracassou em seus intentos. Em determinada ocasião, num contexto de disputa pela jurisdição das terras que

[14] Num sentido amplo, na América espanhola, a *encomienda* foi uma recompensa do rei a sus súbditos conquistadores em forma de tributo e trabalho indígena pelos serviços prestados à Coroa. Perusset (2011) pormenoriza as características da *encomienda* rioplatense destacando a legislação específica, as modalidades de serviço prestadas, a intensidade e a violência da exploração da mão de obra Guarani e outros aspectos importantes.

compreendiam a *Cordillera,* os *Chiriguanas* recusaram ajuda a Andrés Manso para lutar contra Ñuflo de Chávez. Noutra ocasião Manso necessitava do auxílio dos Chiriguanas para castigar e submeter os "[...] Chané de los llanos, probablemente de Isoso" (PIFARRÉ, 1989, p. 69). Diante de uma hesitação e/ou suspeita de traição, Manso protagonizou um espetáculo de crueldade para castigar Chiriguanas que o seguiam. De acordo com o cacique Matarapa, interrogado por Chávez, quando Manso estava a caminho da guerra contra os "yndios de los llanos", desconfiou que os caciques que trazia consigo:

> [...] le llevaban por mal camino, mato a Canbayra, yndio chiriguana, e a Mairapillo corto la mano, hermano deste mensajero; e luego se huyeron los otros yndios, los quales estan alçados y no siembran porque despues desto a hecho llamamiento en los yndios de los llanos; e no tienen por buen cristiano a este capitan porque antes desto [f. 18] abia muerto a vn mensajero que el dicho Botipue le abia enbiado que se llamava Candi, al qual le ataron de vn arbol y le tiraron con los arcabuzes, y ansi le mataron (*Documentos referentes a la fundación de Santa Cruz dela Sierra. [1561]*. In: JULIEN, 2008, p. 116).

Andrés Manso, célebre por seus cruéis métodos de conquista, morreu, em 1564, num assalto que os Chiriguana desferiram contra Nueva Rioja, um *pueblo* por ele fundado. A cada ofensiva dos Chiriguana contra os espanhóis, a imagem de uma corja de bárbaros, perversos, degenerados e insubmissos torna-se mais exacerbada, sobretudo, nas fontes andinas que, em momento algum suscitaram qualquer expectativa positiva por parte dos conquistadores hispano-andinos. Ao contrário da frente platina – que nas duas primeiras décadas estabeleceu uma aliança com as parcialidades guarani falantes e sobre esta alicerçou tanto seu estabelecimento em diversas localidades quanto sua mobilidade expansionista – os conquistadores do Peru percebiam os Chiriguanaes como um grupo a ser debelado e, na melhor das hipóteses, *encomendado;* isto é, a ser sujeitado às instituições e ditames coloniais.

Quatro anos depois da morte de Andrés Manso (1564), o próprio Nuflos Chávez caiu numa cilada, armada pelos Itatines[15] (grupo guarani falantes), que pôs termo ao seu itinerário conquistador. Cecília Martínez elucidou o contexto e os fatores que incidiram na deterioração das relações entre os espanhóis do Paraguai e seus aliados guarani falantes. De acordo com a autora, cada vez mais a frente rioplatense, que fundou e se estabeleceu na cidade de Santa

[15] Recentemente Combés (2015) publicou uma obra dedicada aos Itatines, grupo guaraní falante, que entre os séculos XVI e XVIII abrangia ambos os lados do rio Paraguai, na altura do pantanal e da chiquitania. Tanto para contextualização das migrações guarani quanto as relações estabelecidas com as frentes hispânicas de conquista e colonização essa obra é de importância ímpar.

Cruz de la Sierra, passou a ser politicamente supervisionada e chancelada pela audiência de Charcas e pelo vice-reinado limenho. "El poblamiento del territorio cruceño por parte de la oleada conquistadora rioplatense requería de la legitimación de las autoridades coloniales de Lima, y de Charcas"(MARTÍNEZ, 2012, p.65). Se Chávez granjeou a governação de Mojos, das autoridades do Peru, em troca deveria ajustar-se às expectativas do centro do poder que o havia instituído. A cidade de Santa Cruz, fundada num contexto de colaboração hispano-guarani, se transformaria num enclave defensivo de uma região fronteiriça e numa fonte de mão de obra para as fazendas e minas das propriedades andinas.

Nesse sentido, as ações e relações de Nuflo de Chávez, tenente governador de Mojos (encargo político que disputou com Andrés Manso e que lhe foi outorgado pelo Vice-Rei do Peru, *Marquès de Cañete*), não podiam ser as mesmas que exercia enquanto chefe de expedições hispano-guarani em busca de riquezas minerais. Nas novas funções que deveria desempenhar nesse posto, já não conseguia manter a concórdia com os grupos guarani que, ao longo de décadas de expedições de conquista, lhe propiciaram precioso suporte humano e material. De acordo com Cecilia Martínez, o ciclo de insurreições indígenas da década de 1560, em que se inscreve a morte de Chávez pelos itatines, deve ser contextualizado no rol de transformações em que Santa Cruz de la Sierra se viu envolvida: de um posto avançado da frente de conquista platina para uma cidade submetida à jurisdição de Charcas e à lógica da economia colonial andina (MARTÍNEZ, 2012, p. 66.). Seguindo essa linha de reflexão, a aliança cario-espanhola, fundamento sócio antropológico da conquista da região platina, não coadunava com as relações de trabalho "encomendado" e o enquadramento político determinado por Charcas e Lima.

Após os levantes que deram cabo a Andrés Manso e quatro anos depois a Nuflo de Chávez, perpetrados respectivamente pelos Chiriguanas da Cordilheira e pelos Itatines, os grupos Guarani do oriente boliviano foram estigmatizados pelo vice-rei Toledo como: "[...] gente belicosa y cruel y que come **carne humana y son sodomitas** y que con verdad se puede dezir a vuestra magestad que creo ser la peor gente que con anima racional vive […][grifo nosso]" (*Carta a S. M. del virrey D. Francisco de Toledo [...]* [1573]. In LEVELIER, 1924, p. 198.). Diante de um cenário (des)humano tão maléfico, na opinião do vice-rei e seus sequazes, só haveria um expediente capaz de remediar essa perversidade: a guerra justa e a consequente escravização dos capturados. Matienzo, um dos partidários do Vice-rei Toledo, já havia formulado esse recurso em 1567, quando Chávez era vivo:

> […] son estos chiriguanaes hasta ochocientos mill hombres diestros en la guerra y pues es tan mala gente y comen carne humana, justamente se les puede hazer guerra y ser dados por esclavos, o a lo menos sacarlos de alli, ponerlos con amos en diversas partes del Reyno de la tierra adentro […] (MATIENZO, 1910, p 167).

Com esse incremento de mão de obra escrava, as fazendas e as minas de Potosi e Porco reflorescerіam e todos – mineradores, patrimônio real, indígenas e toda terra – perceberiam os benefícios dessa "justa guerra" contra os chiriguanas. O plano era promissor, todavia, a execução foi desastrosa. Em 1574, o vice-rei Toledo em pessoa, frente a um aparatoso exército se embrenhou na *Cordillera* para castigar, da forma mais severa possível, os atrevimentos dos Chiriguanas. Alguns meses depois o vice-rei – e o que havia restado do seu exército – abandonou em fuga o palco da guerra, segundo Garcilaso de la Veja, para não ser devorado pelos seus inimigos[16]. A expectativa em torno dos milhares de escravos que seriam capturados, que constituiriam o mais precioso espólio e repariam os dispêndios da guerra, redundou em fiasco. Um cronista contemporâneo aos fatos, ao indagar desertor do exército do vice-rei sobre: "*¿cuántos chiriguanas traían en colleras?*" obteve a seguinte resposta: "*ni solo una uña de chiriguana traen los cristianos"*(LIZÁRRAGA, [c. 1600].1916. p.148).

A derrota da expedição militar do vice-rei Toledo, descrita como humilhante e vexatória por diversos cronistas quinhentistas, reforçou e cristalizou o estigma de bárbaros, brutais e bestiais para os chiriguanas.

A CRISE DA ALIANÇA HISPANO-GUARANI: DAS EXPEDIÇÕES A *ENCOMIENDA*

A partir de meados do século XVI os conquistadores platinos redefinem seus objetivos de conquista e, por conseguinte, suas relações com os grupos indígenas guarani falantes. Se nos primeiros 20 anos a conquista esteve focada nas expedições rumo às terras ricas, empreendidas sob a égide do *cuñadazgo,* a partir de 1553 ocorre uma guinada nas relações sócio-antropológicas. Naquele ano o factor[17] Pedro de Orantes, representando oficiais reais e colonos mais influentes, dirigiu um requerimento a Irala, solicitando o

[16] A passagem em que Garcilaso aborda a incursão do vice-rei Toledo à *Cordillera Chiriguana* está em: (GARCILASO DE LA VEGA, (1609). 1991. p. 459-461). Esse tema também foi abordado por Langer (2010)

[17] Funcionário real encarregado do armazém que recebia produtos da metrópole para contratar e comerciar.

repartimiento de *encomiendas* a pretexto de "[...] dar a los cristianos servicio y a los índios amparo [...]"[18]. Susnik sugere que essa solicitação se debe ao fato de que: "[…] los viejos conquistadores hallábanse en gran parte exhaustos por las expediciones, desilusionados en su expectativa de riqueza y viviendo en un abierto encierro sociopolítico" (SUSNIK, 1993, p. 29).

Além desse aspecto, a antropóloga Macarena Perusset, ao analisar as reivindicações dos *vecinos* de Assunção e as interpretações historiográficas acerca do referido requerimento, propõe que uma série de motivos para o estabelecimento de *encomiendas* entre os grupos guarani:

> En primer lugar se encuentra la situación de descenso demográfico indígena, que se volvía más acuciante día a día, sumado al continuo pedido de los oficiales reales y vecinos para que se hicieran los empadronamientos y el reparto de encomiendas. Además, tras haber estado casi veinte años asentados en Asunción disfrutando del servicio laboral de los originarios, los vecinos podrían considerar la encomienda como un medio para extender su control sobre otros grupos guaraníes más alejados de la capital (PERUSSET, 2011, p. 7).

Com as *encomiendas* requeridas a Irala os grupos guarani mais afastados de Assunção também seriam incorporados às instituições coloniais espanholas para atuarem na defesa do território e, sobretudo, na produção agrícola, no extrativismo da erva-mate e no transporte desses produtos. De certo modo, a fundação de novos povoados tais como Ontiveros 1554, Ciudad Real del Guayrá em 1557 e Villa Rica del Espirito Santo em 1570 está relacionada a esse processo. Macarena Perusset, cintando Ricardo de Lafuente Machaín, considera ainda que, em 1556, o governador Irala concedeu a contragosto as *encomiendas* aos *vecinos* requerentes uma vez que:

> […] que la red de parentesco que se había establecido entre hispanos y guaraníes, como consecuencia de las entregas de mujeres indígenas por parte de sus familiares a los españoles, era muy fuerte y estrecha. Por lo tanto Irala consideraba que si encomendaba a los guaraníes parientes y amigos se lesionaría esa relación que se mantenía hasta el momento gracias a los lazos de cuñadazgo (PERUSSET, 2011, p. 5).

Nessa nova configuração os aliados por laços de parentesco se tornariam mão de obra de *encomiendas*. Tal transição nas estruturas socioeconômicas do Paraguai quinhentista

[18] Requerimiento que el factor Pedro de Orantes hizo en el año 1553 al gobernador, que poblase pueblos y encomendase indios y señala las razones de la convivencia. IN Levillier, 1915.

suscitou, em diversas parcialidades Guarani, dezenas de sublevações xamanísticas de cunho anti-colonial e libertador[19]. Na esteira das transformações socioeconômicas e das consequentes insurreições indígenas, que abalaram o Paraguai da segunda metade do século XVI, as representações sobre os povos guarani falantes cambiaram profundamente. Nos escritos das novas gerações de conquistadores (fundadores) rioplatenses os guarani-falantes já não figuram mais como bons, opulentos e generosos aliados.

O clérigo Barco Centenera, que chegou ao Rio da Prata na década de 1570 e viveu vinte e quatro anos nessa região, registrou em versos a suposta índole dos Chiriguana/Guarani e a imponderável desestima que por essa macro-etnia. Os dois primeiros versos do seu longo poema (de 10725 versos) são:

> Del indio Chiriguana encarnizado
> en carne humana, origen canto solo.

Ainda no Canto 1º. nos versos 180 – 200 o poeta divaga sobre a crueldade, a índole guerreira e a sede por carne humana:

> Los nuestros Guaranís, como señores,
> toda la tierra cuasi dominando,
> por todo el Paraná y alrededores
> andaban crudamente conquistando.
> Los brutos, animales, moradores
> del Paraguay sujetan a su mando.
> Poblaron mucha parte de esta tierra,
> con fin de dar al mundo cruda guerra.
> […]
>
> Una canina rabia les forzaba
> a no cesar jamás de su contienda.
> Que el Guaraní en la guerra se hartaba
> (y así lo haría hoy, sin la rienda
> que le tenemos puesta), y conquistaba
> sin pretender más oro, ni hacienda,
> que hacerse como vivas sepulturas
> de símiles y humanas criaturas.[20]

Ruy Díaz de Guzmán (1558 – 1629) – filho Úrsula de Irala (filha de Domingo Martínez de Irala com uma de suas concubinas indígenas) – após décadas de serviços

[19] No âmbito do presente artigo não pretendemos aprofundar esse assunto sobre o qual a historiografia platina tem considerável produção. Por ora destacamos: Susnik (1965) Ripodas (1987), Necker (1990) e Meliá (1993).
[20] Barco Centenera [1602], 2002. Canto primeiro, Versos 180 - 200

militares em conquistas e fundações de vilas[21] no Paraguai e na vasta região platina, intentou , em 1616, em meio à *Cordillera Chiriguana*, uma cidade espanhola que conectasse comercialmente o Peru, Tucumán e o Paraguai. Em 1621 o recém fundado povoado é evacuado devido a conflitos, tensões e "traições" entre parcialidades guarani falantes e conquistadores espanhóis[22]. Ao narrar suas peripécias nesse empreendimento, Díaz de Guzmán não concebe mais seus parentes Guarani ou Chiriguana como bons e generosos aliados. A *aliança cario-espanhola*, protagonizada por seus avôs maternos, há décadas havia degringolado. Agora, nas primeiras décadas do século XVII, Guzmán retrata seus primos numa perspectiva psico-moral deplorável:

> Son naturalmente todos estos Indios guaranís que de aqui adelante llamaremos Chiriguanas, siervos a natura, antropophagos y carniceros, yngratissimos y bestiales, viciosos y abominables, ympios, crueles y sediciosos, falsos y mentirosos, de poca constancia y lealtad, amigos de la guerra y enemigos de la paz, sin concepción de castigo ni de buena amonestación, ociosos y poco travajadores, y en extremo codiciosos, sin ley ni buena razón, y communmente ymbocan al demonio y reciven sus respuestas (DÍAZ DE GUZMÁN, 1979. p.72.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conquista/colonização da América intrincou e tornou mais paradoxal a atitude mental europeia diante dos povos "selvagens". Desde a antiguidade clássica, passando pela cristandade medieval, tais povos foram situados nas fronteiras longínquas das civilizações e, como tal, "etnografados" e pensados por autores como Heródoto, Santo Agostinho, Plínio e outros. Até as grandes navegações modernas, todavia, o Homem selvagem era antes uma figura alegórica que ora fazia a vez de um espelho invertido da civilização grega e romana, ora de um signo da ira divina, da maldição, da condição sub-humana ou dos desígnios escatológicos da cristandade[23]. Em outras palavras, até o renascimento os comportamentos, as virtudes e o caráter (i)moral – crueldade, perversão sexual, monstruosidade, paganismo de um

[21] Ruy Dias de Guzmán participou da fundação de: Villa Rica del Espíritu Santo, em 1575, Salta, na década de 1580, Santiago de Jerez em 1593.

[22] SAIGNES, Thierry. Historia del pueblo chiriguano. Introdução e notas de Isabelle Combés. La Paz: Plural, 2007. p. 90

[23] Mais uma vez indicamos os seguintes textos como referenciais: WOORTMANN, Klaas. O selvagem e a História. Heródoto e a questão do Outro. *Revista de Antropologia*. 2000, vol. 43, n.1. p. 13-59. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ra/v43n1/v43n1a01.pdf ; e WOORTMANN, Klaas. O selvagem e a história – Primeira Parte: Os Antigos e os Medievais. Série Antropologia nº 227. Brasília: DAN/UnB, 1997, 56 p.

lado e generosidade, simplicidade, sabedoria e idilismo, de outro – de diversas raças "selvagens" desempenhavam um papel de autorreflexão crítica no âmbito do imaginário ocidental.

A partir de 1492, quando o conquistador, o colono ou missionário europeu se viram face a face com o "selvagem" ameríndio, o *êthos* deste passou a ser representado também em função das demandas coloniais por riquezas, trabalho e almas. Analisando as fontes produzidas pelas duas frentes de conquista, que se depararam com os grupos guarani falantes, percebe-se que tanto uma quanto outra imbricaram critérios circunstanciais de caráter colonial com categorias e atributos que povoavam o imaginário antigo e medieval acerca do Homem selvagem.

Nesse sentido, relatos como os dos cronistas do Rio da Prata representam uma construção inusitada em que componentes que no imaginário ocidental eram associados a um grau extremo da barbárie (comer carne humana) são contrabalançados e relativizados por fatores empíricos circunstanciais convenientes aos intentos coloniais. Tal intrincamento de elementos do imaginário com experiências concretas da conquista/colonização resultou que os "comedores de carne humana", guarani falantes, fossem revestidos de valores e atributos benfazejos e situados em cenários idílicos, por Schmidel e por Cabeza de Vaca. Além do mais, num primeiro momento, esses mesmo indígenas foram estimados, por Irala, Rasquim e Ñuflo de Chávez, como consortes leais e magnânimos para os espanhóis do Paraguai.

Na contramão da frente platina, tanto para os Incas quanto para os conquistadores do Peru, os *Chiriguanas* (macro-etnônimo de origem andina para os guarani-falantes) eram *piores que bestas feras*: irracionais, sem autocontrole, belicosos, cruéis, acometidos de apetite canina por carne humana, incestuosos, sodomitas, nômades e heréticos (LANGER, 2010). Combès (2013) indica que antes de comporem a suposta índole *chiriguana,* tais traços eram tidos como inerentes ao selvagem bárbaro e bestial da literatura greco-romana e medieval. Naquelas idades históricas o selvagem era mais alegórico com a função de suscitar reflexões sobre os dilemas da civilização; aqui na América, sobretudo para os conquistadores andinos, o selvagem Guarani/Chiriguana era "real" e devia ser constrangido à *encomienda* ou à escravidão mediante uma *guerra justa*.

Manuela Carneiro da Cunha (1990) demonstrou que, nos relatos seiscentistas, os indígenas do Brasil que comiam carne humana eram classificados, paradoxalmente, como canibais ou antropófagos. Os primeiros o faziam por um apetite canino, por uma perversão

bestial de preferirem carne humana a qualquer outro mantimento. Os outros praticavam a antropofagia em defesa da honra e dignidade guerreira que só se completava pela vingança do inimigo num ritual de sacrifício antropofágico. No Rio da Prata, nos quinze anos que se seguiram à fundação de Assunção até a instauração das *encomiendas* (1537-1553) os conquistadores minimizaram o costume da antropofagia diante de atributos morais e socioeconômicos relevantes às circunstâncias coloniais. Por outro lado, os *tapuy miri* ao oferecerem uma resistência pugnaz aos conquistadores platinos foram representados, por Nuflo de Chávez, como *gente diabólica, comedores de carne humana,* muito embora, para esse grupo, tal costume não tenha sido corroborado por outras fontes históricas.

Finalizando, esperamos ter evidenciado que as representações sobre os guarani falantes procedem de dois "cursos fluviais" cujas "águas" se entrecruzam e se realimentam: o imaginário antigo/medieval e as experiências coloniais *in loco*. Ainda assim, nesse intercurso de imagens e experiências, envolvendo selvagens de outrora, de um lado, e circunstâncias coloniais cambiantes, de outro, é possível sondar os "mananciais" e o percurso dos fluxos representacionais acionados para definir a suposta índole dos grupos guarani falantes do Paraguai e da *cordillera chiriguana* quinhentistas.

REFERÊNCIAS

BARCO CENTENERA, Martín del. [1602] *La Argentina*: poema histórico. Ed. Facsímil. Reproducción digital de la edición de Buenos Aires, Talleres de la Casa de Jacobo Peuser, 1912.

BARCO CENTENERA, Martín del. *La Argentina*: poema histórico. Edición digital: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/la-argentina-o-la-conquista-del-rio-de-la-plata-poema-historico--0/html/ff657394-82b1-11df-acc7-002185ce6064_5.html#I_4_ Consultado em 25/07/2014

BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do novo mundo 2*: as mestiçagens. Trad. Mary A. L. de Barros. São Paulo: EDUSP. 2006.

CABEZA DE VACA, Alvar Núñez. *Comentários (...)*. In: VEDIA, Enrique de. Historiadores primitivos de índias, vol. 1, Madrid: M. Rivadeneyra, 1858. p. 549-599.

CARTA DEL VIRREY, Marqués de Cañete, á S. M., dándole cuenta de la expedición del Capitán Andrés Manso. In: MUJÍA, Ricardo (comp.) *Bolivia-Paraguay y Anexos*, La Paz: imprenta del Estado, tomo 1. 1914.

CARTA A S. M., del virrey D. Francisco de Toledo acerca de los asuntos de guerra de que de nuevo se le ofrece dar cuenta [...] [La Plata, 30 Noviembre 1573]. IN LEVELIER, Roberto (org). *Gobernantes del Perú, cartas y papeles, siglo XVI*; documentos del Archivo de Indias. Madrid: Imprenta de Juan Pueyo, 1924, Tomo V.

CHÁVEZ, Nuflo de; SALAZAR, Hernando de. Documento 10: Memoria y rresuluçion de los casos y cosas suçedidas en la tierra de la gouernaçion de Juan de Ayolas que sea en gloria, [Lima, a principios de 1560]. In: JULIEN, Catherine. *Desde el Oriente. Documentos para la historia del Oriente Boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597).* Santa Cruz de la Sierra: Gobierno Municipal Autónomo, 2008.

CIEZA DE LEÓN, Pedro de. *Crónica del Perú / El señorío de los incas*. Selección, prólogo, notas, modernización del texto, cronología y bibliografía de Franklin Pease G. Y. Caracas: Biblioteca Ayacucho, [1553] 2005.

CIEZA DE LEÓN Pedro de. Segunda parte de la Crónica del Perú, que trata del señorio de los incas yupanquis y de sus grandes hechos y gobernación. Publicada por: Marcos Jiménez de la Espada**:** Madrid: Imp. de Manuel Gines Hernández, 1880

____. *Descubrimiento y conquista del Perú*. Madrid: Dastin, 2001

____. *Descubrimiento y conquista del Perú.* ArteHistória. Disponível em: http://www.artehistoria.jcyl.es/cronicas/contextos/10546.htm.

COMBÈS Isabelle. Saypurú: el misterio de la mina perdida, del Inca chiriguano y del dios mestizo. IN: *Revista Andina 48,* 2009 (Cuzco).

____. El Paititi, los Candires y las migraciones guaraníes. In COMBÈS Isabelle y Vera TYULENEVA (eds). *Paititi. Ensayos y documentos.* Instituto Latinoamericano de Misionología/ Editorial Itinerarios, Cochabamba, 2011.

____. De luciferinos a canonizables: representaciones del canibalismo chiriguano *Boletín Americanista*, año LXIII. 2, n.º 67, Barcelona, 2013, págs. 127-141.
____. *Diccionario étnico: Santa Cruz la Vieja y su entorno en el Siglo XVI*. Cochabamba: Itinerarios/Instituto de Misionología. 2010.

____. *De la una y otra banda del Río Paraguay:* Historia y etnografía de los itatines (siglos XVI-XVIII). Cochabamba: Itinerarios, 2015.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. Imagens de índios no Brasil: o século XVI. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 91-110, 1990

DÍAZ DE GUZMÁN, Ruy. [1617-1618] Relacion de la entrada a los chiriguanos : edicion critica de los manuscritos existentes en la Biblioteca Nacional de Paris. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia: Fundacion Cultural "Ramon Dario Guthierrez," 1979.

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del mar océano*. Tecera Parte, tomo IV. Edit. D. Jose Amador de Los Rios. MADRID: Real Academia de la Historia, 1855.

FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del mar oceano.* Segunda Parte, tomo I. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la História, 1852.

FINOT, Enrique. *Historia de la conquista del oriente boliviano*. Librería "Cervantes", J. Suárez, 1939.

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. *Comentarios reales de los Incas*. (1609). Edição, prólogo, índice analítico e glossário de Carlos Araníbar. Lima: FCE, 1991.

GRUZINSKI, Serge. *La colonización del imaginário*. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español. Siglos XVI-XVIII. Trad. de Jorge Ferreira. México, Fondo de Cultura Econômica, 1993.

IRALA, Domingo Martínez de. [1541]. La relación que dejó Domingo Martínez de Irala en Buenos Aires al tiempo que la despobló. *Documentos históricos y geográficos relativos a la conquista y colonización rioplatense.* Buenos Aires: talleres Casa J. Peuser, t. 2: 299-302 [http://www.elhistoriador.com.ar].

____. [1542-43] *Relación de la jornada al Norte.* In Catherine Julien: *Desde el Oriente. Documentos para la historia del Oriente boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597)*, Santa Cruz: fondo editorial municipal, 2008a. doc. 1: 1-11.

____ [1545] "Carta a Su Majestad", en Catherine Julien: *Desde el Oriente. Documentos para la historia del Oriente boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597)*, Santa Cruz: fondo editorial municipal, doc. 4: 20-26.

____ [1555] Carta de Domingo Martínez de Irala al consejo de indias, refiriendo sus entradas y descubrimientos por el río paraguay hasta el perú […] In: SCHMÍDEL, Ulrich. [1567] Viaje ao Río de la Plata. Notas bibliográficas y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, trad. e anotações por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires: Cabaut y Cía., Editores, 1903. p. 171-172.

JULIEN, Catherine. Colonial perspectives on the Chiriguaná (1528-1574).In: CIPOLLETTI, Maria Susana, ed.: *Resistencia y adaptación nativas en las tierras bajas latinoamericanas*, Quito: Abya-Yala (Colección Biblioteca Abya-Yala ; 36), 1997: 17-76.

____ *Desde el Oriente. Documentos para la historia del Oriente boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597)*, Santa Cruz: Fondo Editorial Municipal, 2008.

KALIL, Luis Guilherme Assis. *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidel.* Campinas, SP: [s. n.], 2008. [UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Dissertação de mestrado em História cultural].

LAFUENTE MACHAÍN, R. (1939). *El gobernador Domingo Martínez de Irala*. Asunción: Academia Paraguaya de la Historia, 2006.

LANGER, Protasio Paulo. "Piores que bestas feras": Garcilaso de la Vega e o imaginário hispânico-inca sobre os Guarani Chiriguano. Rev. Topoi [online]. 2010, v. 11, n. 21, pp. 5-22.

LEVILLIER, Roberto. *Correspondencia de los oficiales reales de hacienda del Río de la Plata con los reyes de España*. T. I: 1540-1606, Madrid, 1915.

LIZÁRRAGA, Reginaldo de. [c. 1600]. *Descripción colonial (libro segundo)*. Librería La Facultad, por Juan Roldán: Buenos Aires, 1916.

MARKUM, Paulo. *Cabeza de Vaca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTÍNEZ, Cecilia. De Paraguay al piedemonte, de amigos a adversarios: Ñuflo de Chávez y los guaraníes en la conquista de Santa Cruz de la Sierra. In: COMBÈS, Isabelle; PEÑA, Paula. *Santa Cruz la Vieja*. Ediciones del Gobierno Municipal de Santa Cruz de la Sierra. Santa Cruz de la Sierra; Año: 2012; p. 33 – 66.

MATIENZO, Juan de [1567]. *Gobierno del Perú*. Buenos Aires: Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1910.

MELIÁ, B. *El Guarani conquistado y reducido*. Ensayos de etnohistoria. 3.ed. Asunción: Centro de estudios antropológicos de la Universidad Católica "N. S. de la Asunción" – Ceaduc, 1993.

NECKER, Louis. *Indios Guaraníes y chamanes franciscanos*: las primeras reducciones del Paraguay (1580-1800). Asunción: Centro de Estudios Antropológicos/Universidad Católica, 1990.

PEASE, Franklin. Estudio Preliminar. In: CIEZA DE LEÓN, Pedro de [1553]. *Crónica del Perú / El señorío de los incas*. Seleção, prólogo, notas, [..] por Franklin Pease. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2005.

PERUSSET, Macarena. Dinámicas socio-culturales entre los grupos guaraníes frente a la violencia del régimen de encomienda. Paraguay (siglos XVI-XVII). Revista Eletrônica da ANPHLAC**.** N. 10, Jan.- Jun. de 2011**.**

PIFARRÉ, Francisco. *Historia de un pueblo*. La Paz: Ed. CIPCA, 1989.

RAMINELLI, R. J. *Imagens da Colonização: a representação do índio de Caminha à Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996

RAMÍREZ, Luís. *Carta de Luis Ramírez a seu pai desde o Brasil (1528)*. Introdução, edição, transcrição e notas: Juan Francisco Maura. Lemir (Departamento de Filología Hispânica da Universidade de Valencia), <http://parnaseo.uv.es/Lemir/Textos/Ramirez.pdf> 2007.

RASQUÍN, Jaime. "Petición de Jaime de Rasquín". In: JULIEN, Catherine: *Desde el Oriente*. Documentos para la historia del Oriente boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597), Santa Cruz: fondo editorial municipal, doc. 8 p. 41-44

RÍPODAS ARDANAZ, Daisy. *Movimientos shamánicos de liberación entre los Guaraníes (1545-1660)*. Teologia: Tomo XXIV, N° 50, 1987: 2, Buenos Aires.

RODRIGUES, Antônio [1553]. *Antônio Rodrigues, soldado, viajante e jesuíta português na América do Sul, no século XVI*. Virtual Books Online M&M Editores Ltda. 2000/2002 – Disponível em: http://virtualbooks.terra.com.br/

SAIGNES, Thierry. *Historia del pueblo chiriguano*. Introdução e notas de Isabelle Combés. La Paz: Plural, 2007.

SCHMÍDEL, Ulrich. [1567] *Viaje ao Río de la Plata*. Notas bibliográficas y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires: Cabaut y Cía., Editores, 1903. p. 171-172.

SUÁREZ DE FIGUEROA Lorenzo. [1586] "Relación de la ciudad de Santa Cruz de la Sierra" en Marco Jiménez de la Espada: *Relaciones geográficas de Indias,* Madrid: Biblioteca de autores españoles, 1965, t. 1: 402-406.

SUSNIK, Branislava. *El indio colonial del Paraguay*. El guaraní colonial I. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1965.

____. *Una Visión Socio-Antropológica del Paraguay*. XVI-1/2 XVII. Asunción: Ed. del Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1993.

TODOROV, Tzetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WOORTMANN, Klaas. O selvagem e a História. Heródoto e a questão do Outro. *Revista de Antropologia*. 2000, vol. 43, n.1. p. 13-59. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ra/v43n1/v43n1a01.pdf >.

WOORTMANN, Klaas. *O selvagem e a história* – Primeira Parte: Os Antigos e os Medievais. Série Antropologia nº 227. Brasília: DAN/UnB, 1997, 56 p.

RECEBIDO EM 20/04/2016
APROVADO EM: 01/06/2016